



Comunidade de  
Aprendizagem



# Aprendizagem Dialógica





## o que é?

É a concepção de aprendizagem na qual se baseiam atualmente as pesquisas científicas internacionais por estar vinculada ao funcionamento da sociedade na qual vivemos.

Na sociedade da informação, a aprendizagem depende cada vez mais da correlação das interações que a criança e o jovem têm com todas as pessoas de seu entorno e na multiplicidade de espaços de aprendizagem e desenvolvimento. Nessa perspectiva, o diálogo e a interação são vistos como ferramentas essenciais para a construção de novos conhecimentos.

# Olá, Educador!

Este caderno apresenta o enfoque de Aprendizagem Dialógica, fundamento teórico de uma Comunidade de Aprendizagem. Com ele você poderá conhecer um pouco mais sobre a concepção de aprendizagem que está por trás deste projeto, bem como os princípios que a sustentam.

Iniciamos nossa conversa pelas principais concepções de aprendizagem presentes nas escolas de hoje, com um breve comentário a respeito dos contextos sociais em que surgiram. Em seguida, focalizamos a concepção comunicativa na qual está inserida a Aprendizagem Dialógica, caracterizada pela importância de todas as interações que cada aluno e aluna estabelece com as demais pessoas que fazem parte de seu cotidiano, não só com os educadores. Destacamos nessa seção as principais teorias e autores que fundamentam a concepção comunicativa e a Aprendizagem Dialógica. Finalmente, abordamos o desenvolvimento dessa teoria na prática, na forma de sete princípios que permeiam transversalmente o trabalho dos educadores: diálogo igualitário, inteligência cultural, transformação, dimensão instrumental, criação de sentido, solidariedade e igualdade de diferenças.

Os princípios descritos aqui são aqueles que demonstram na prática a concepção da Aprendizagem Dialógica e, portanto, estão presentes em todas as Atuações Educativas de Êxito.

Esperamos que este material sirva de apoio para aqueles que acreditam que todos os meninos e meninas podem aprender mais e chegar aos mesmos e melhores resultados.

Bom trabalho!



# Introdução

Ao longo da história, as concepções sobre como se aprende evoluíram, sempre vinculadas ao contexto social em que surgiram e são implantadas.

As mudanças derivadas da passagem da sociedade industrial para a sociedade da informação, com a possibilidade de acesso rápido e econômico a novas fontes de informação, transformaram os contextos em que as pessoas aprendem e influenciaram instituições e diferentes âmbitos da sociedade.

Infelizmente, a escola tem se mostrado resistente a essa transformação, e as concepções de aprendizagem que não respondem às necessidades da sociedade da informação continuam fazendo parte do dia a dia de muitos alunos.

A seguir, de modo sintético, percorreremos a evolução das concepções de realidade social e suas abordagens sobre como se aprende. Para organizar essa apresentação, foram escolhidos aspectos comuns que serão comentados a respeito de cada concepção. São eles papel do professor, papel do aluno, ensino, referenciais teóricos e questão colocada, destacados ao longo do texto para facilitar comparações e análises entre as diferentes teorias.



# Um panorama das concepções de aprendizagem

O início da sociedade da informação pode ser marcado em 1973, quando acontece a crise do petróleo e o esgotamento das fontes de produção industrial, e se inicia uma revolução tecnológica global. O fator-chave para o sucesso de instituições, empresas, países e pessoas, no âmbito individual, situa-se na capacidade de acessar, selecionar e processar informações diversas que estão ao alcance de todos. O que produz valor e crescimento é a geração de um novo conhecimento a partir do processamento de informações. Assim, os recursos intelectuais substituem os recursos materiais como fatores determinantes.

## **CONCEPÇÃO OBJETIVISTA: ENSINO TRADICIONAL**

O ensino que conhecemos hoje como tradicional surgiu na sociedade industrial e segue vigente em muitas escolas, ainda que esse modelo de sociedade já tenha sido superado há algum tempo. Mesmo com tantas mudanças sociais, muitas escolas continuam adotando uma concepção de aprendizagem baseada na perspectiva objetivista, de transmissão e reprodução de conhecimentos, descontextualizada da realidade social dos alunos.

**Papel do professor:** protagonista do processo de ensino e aprendizagem, ele é a principal fonte de conhecimento dos estudantes e é necessário que seja especialista em sua disciplina para assegurar a transmissão dos conteúdos.

**Ensino:** aborda conteúdos que são independentes da realidade dos estudantes; a realidade objetiva é entendida como externa e separada das pessoas que participam dela.

**Papel do aluno:** assimilar, acumular e repetir os conhecimentos, pois acredita-se que é assim que ele aprende.

**Referenciais teóricos:** encontram-se primordialmente no behaviorismo, que não contempla aspectos psicológicos e sociológicos dos sujeitos. Esse modelo gera e reproduz desigualdades, pois não leva em conta os diferentes contextos em que os alunos estão inseridos.

**Questão colocada:** na sociedade da informação, a figura dos especialistas tem sido muito questionada, valorizando-se, em contrapartida, a capacidade das pessoas de encontrar e relacionar informações. Como ensinar tais capacidades dentro dessa proposta?

## CONCEPÇÃO CONSTRUTIVISTA: APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

Frente à concepção objetivista e ao papel dominante do professor, na segunda metade do século XX, surge uma nova concepção da aprendizagem baseada na ideia construtivista da realidade, ou seja, da realidade como uma construção social que depende dos significados que os sujeitos atribuem a suas experiências.

**Papel do aluno:** sua atividade mental na construção de novos conhecimentos é o elemento-chave da aprendizagem. Introduce-se a ideia de cognição e da participação ativa do aluno na construção de sua aprendizagem. Para aprender, ele passa por uma situação de desequilíbrio para depois estabelecer relações significativas entre o conhecimento novo e aqueles que já possuía.

**Ensino:** está voltado para os processos individuais de aprendizagem dos estudantes.

**Papel do professor:** assegurar que os estudantes relacionem de forma significativa seus conhecimentos prévios com os novos. Dessa forma, cada aluno poderá construir um significado diferente, dependendo dos conhecimentos que já tem a respeito dos conteúdos ensinados.

**Referenciais teóricos:** Piaget (1964), com sua teoria geneticista dos estágios do desenvolvimento, e Vygotsky (1995, 1996), que enfatiza o papel da aprendizagem, fruto de situações de interação, no desenvolvimento da criança. O principal fundamento teórico dessa concepção é o conceito de aprendizagem significativa de Ausubel (Ausubel *et al.*, 1989:1), que entende a aprendizagem como um processo individual de construção de significado, que se dá de forma diferente em cada estudante, considerando que cada um parte de seus conhecimentos prévios e de uma predisposição para aprender.

**Questão colocada:** ao partir daquilo que os alunos já sabem, são feitas adaptações reducionistas ao currículo. Por exemplo, escolas que ficam em bairros mais pobres, localizados em zonas de vulnerabilidade social, teriam que reduzir seus currículos, já que seus alunos têm conhecimentos prévios mais defasados que os alunos de escolas de classe média e classe média alta. Essa adaptação do ensino aos conhecimentos dos alunos desrespeita o princípio da igualdade de resultados, já que não se espera que todos os alunos, de todas as escolas, cheguem aos mesmos e melhores resultados.

As aprendizagens prévias dos alunos são importantes para planejar e contextualizar, mas não devemos utilizá-las para colocar metas distintas, como é feito em algumas ocasiões.

Se fazemos assim, o ciclo de desigualdades sociais e culturais é reforçado e, por isso, vale pensar em outros modos de ensinar que estejam de acordo com as características da nova sociedade da informação e que almejem a transformação social e a igualdade de oportunidades para todos. A transformação social só será possível quando as adaptações do currículo para alunos com origens sociais distintas forem encaradas como uma forma de exclusão de determinados setores da sociedade.

## CONCEPÇÃO COMUNICATIVA: APRENDIZAGEM DIALÓGICA

Para a concepção comunicativa, situada no contexto sócio-histórico da sociedade da informação, mais importante que o acúmulo de informações é a maneira como estas são processadas e incorporadas pelo sujeito. Esse enfoque reconhece as contribuições das concepções anteriores, mas introduz a ideia central da interação. É necessário que as escolas abandonem o modelo de escola tradicional, próprio da sociedade industrial, e busquem maneiras de ensinar baseadas no diálogo e na participação de todas as pessoas da comunidade escolar.

Na concepção comunicativa, a realidade é entendida como uma construção social humana na qual os significados são construídos nas interações entre as pessoas e nos consensos que estabelecem.

**Papel do aluno:** atrelado ao seu potencial para interagir com diferentes pessoas e aprender com elas, não só na escola ou nos espaços designados para a aprendizagem, mas em todos os espaços de sua vida.

**Ensino:** baseado no diálogo que busca a melhor aprendizagem para todos, ou seja, que todos os alunos e alunas cheguem aos mesmos e melhores resultados. O desenho do currículo não está vinculado ao que os alunos sabem ou não sabem, mas aponta para os resultados que se quer alcançar para todos.

**Papel do professor:** agente educativo que deve conduzir a aprendizagem sem adaptações curriculares ou agrupamentos excludentes baseados nos conhecimentos prévios dos estudantes. O professor introduz dentro da aula novas situações de interação para conseguir os melhores resultados.

Nesse sentido, a aprendizagem acontece nas interações entre os próprios alunos e entre alunos, professores, familiares e outros agentes do contexto educativo. Dessa forma, os processos de ensino e aprendizagem são ampliados enormemente, já que se multiplicam as interações e também os contextos de aprendizagem.

É também papel do professor estabelecer relações com o entorno em que o aluno está inserido, intervindo educativamente em todos os contextos, fomentando as interconexões entre eles e promovendo a participação da comunidade não só nos espaços de gestão e organização da escola, mas também nas situações de aprendizagem. A inclusão de todos os agentes educativos nos centros escolares é uma das atuações que mais êxito vem gerando para os alunos (Yeste, Lastika & Caballero, 2013).

**Referenciais teóricos (em destaque nos quadros):** o CREA<sup>1</sup> tem desenvolvido uma linha de investigação em torno das interações dialógicas e seus efeitos na aprendizagem. Estas transformam as pessoas e os contextos, uma vez que mudam a imagem dos alunos, dos quais geralmente se esperam resultados ruins, tanto na escola como na comunidade.

---

 **CONSULTE**  
I. Caderno Comunidade  
de Aprendizagem

A Aprendizagem Dialógica prioriza as interações com maior presença de diálogos, entre pessoas o mais diversas possível, buscando o entendimento de todos e valorizando as intervenções em função da validade dos argumentos. Difere das interações de poder, nas quais predominam relações de poder e o peso da estrutura social desigual. (Aubert *et al.*, 2008; Searle & Soler, 2004).

## LEV VYGOTSKY

*A Formação Social da Mente.*  
São Paulo: Martins Fontes.

*Pensamento e Linguagem.*  
São Paulo: Martins Fontes

A concepção comunicativa da aprendizagem é corroborada por contribuições de alguns dos autores mais relevantes na área da educação – entre os quais, Vygotsky. Segundo ele, toda aprendizagem acontece em um primeiro momento no plano social (intersubjetivo) e, posteriormente, é apropriada pelo sujeito no plano individual (intrasubjetivo). De forma que tudo aquilo que incorporamos como aprendizagem, vem sempre precedido de uma interação, até que passa a fazer parte do sujeito.

Frente ao peso absoluto que a concepção construtivista atribui aos conhecimentos prévios, o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal torna-se extremamente relevante. Trata-se da distância existente entre o desenvolvimento real (ponto em que se encontra o aluno) e o desenvolvimento potencial (ponto a que o aluno pode chegar com a colaboração de colegas mais capazes ou a ajuda de uma pessoa adulta), e é a interação que contribui para o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos. Ao mencionar a ajuda de um adulto, Vygotsky nunca especificou que este devia ser o professor. Portanto, é preciso considerar que a pessoa adulta pode ser qualquer uma daquelas com as quais os alunos interagem: um familiar, um morador do bairro, um voluntário da universidade, etc. Para esse autor, o processo de ensino e aprendizagem não acontece independentemente do entorno sociocultural em que os alunos estão inseridos, já que eles constroem o conhecimento na interação com todos os elementos culturais de seu entorno. O desenvolvimento vem sempre impulsionado pela aprendizagem e pelas interações estabelecidas.

## JEROME BRUNER

*A Cultura da Educação.*  
São Paulo: Artmed.

*Atos de Significação.*  
São Paulo: Artmed.

É relevante apontar que Jerome Bruner, autor de referência internacional da psicologia educativa, tem pesquisado ao longo de sua trajetória acadêmica desde posturas teóricas mais cognitivistas a teorias cada vez mais dialógicas. Para o autor, a interação é um elemento principal da aprendizagem (Bruner, 1995), e os contextos interativos têm uma importância-chave para a aprendizagem. Bruner (2000) propõe converter as aulas em subcomunidades de aprendizes mútuos, onde o professor não tem o monopólio do processo de aprendizagem – seu papel é potencializar que os alunos se ajudem mutuamente. Isso implica a transformação dos espaços educativos em espaços de interação e diálogo entre estudantes. Bruner sugere, ainda, que se organizem fóruns nas escolas, nos quais os alunos possam expressar suas ideias e debatê-las, por meio do diálogo, com os demais.

## GORDON WELLS

*Indagación Dialógica.*  
Barcelona: Paidós.

Gordon Wells também argumenta que o entorno escolar tem que ser de ação e interação colaborativa (Wells, 2001). Para isso, o professor precisa mudar seu papel tradicional de transmissor de conhecimento e passar a colaborar; dialogicamente, com os alunos e pessoas da comunidade. Ele propõe o que chama de indagação dialógica, na qual os alunos levantam uma pergunta a respeito de um assunto que queiram aprofundar. Para ajudá-los a encontrar respostas, os espaços escolares são organizados para atendê-los, disponibilizando-se todos os recursos do entorno. A indagação é uma estratégia para estimular nos estudantes a predisposição a se interessar pelas coisas, a levantar perguntas e a tentar compreender o mundo a partir da colaboração mútua na busca de respostas (Wells, 2001). Trata-se de um enfoque educativo que reconhece a relação dialética que acontece através da interação comunicativa do indivíduo com o entorno.

## PAULO FREIRE

*À Sombra desta Mangueira.*  
São Paulo: Olho D'Água.

*Pedagogia da Autonomia.*  
Rio de Janeiro: Paz e Terra.

*Pedagogia do Oprimido.*  
Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Considerado o autor mais importante da educação do século XX, desenvolveu em sua obra de 1970, *Pedagogia do Oprimido* (2003), a ideia da ação dialógica, na qual o diálogo é o processo básico para a aprendizagem e a transformação da realidade. Esse diálogo freiriano não tem um formato metodológico específico; consiste na construção de uma atitude de diálogo, que fomenta a curiosidade epistemológica e a recriação da cultura (Freire, 1997). Para Freire, a necessidade de diálogo faz parte da natureza humana; é um fator central na vida das pessoas na medida em que, por meio dele, nos criamos e recriamos. Para promover nos alunos e alunas uma aprendizagem libertadora, criadora de cultura e crítica em relação ao mundo, os educadores têm que proporcionar um ambiente de diálogo, no qual se propõem perguntas e se buscam respostas a partir da interação entre as pessoas e com o mundo (Freire, 1997).

## JÜRGEN HABERMAS

*Teoria do Agir Comunicativo.*  
São Paulo: Martins Fontes.

Criador da Teoria da Ação Comunicativa, Habermas explica que a subjetividade provém da intersubjetividade. O autor defende a ideia de que o pensamento e a consciência de uma pessoa são fruto das interações sociais que ela estabelece com os outros. A subjetividade se constitui como produto de um processo de interiorização das relações sociais que acontecem no mundo externo. O pensamento subjetivo está intimamente relacionado com o pensamento social, intersubjetivo, e se produz nas múltiplas relações que temos com pessoas diferentes, nos inúmeros contextos de que participamos ao longo da vida (*apud* Aubert *et al.*, 2008).

# Como a Aprendizagem Dialógica acontece na prática?

“A Aprendizagem Dialógica acontece nos **diálogos que são igualitários**, em interações em que se reconhece a **inteligência cultural** de todas as pessoas, e está orientada para a **transformação** do grau inicial de conhecimento e do contexto sociocultural, como meio de alcançar o êxito de todos. A Aprendizagem Dialógica acontece em interações que aumentam a **aprendizagem instrumental**, favorecendo a **criação de sentido** pessoal e social, e que são guiadas pelo sentimento de **solidariedade**, em que a **igualdade e a diferença** são valores compatíveis e mutuamente enriquecedores.” (Aubert et al., 2008:167)

Como já foi apontado, a Aprendizagem Dialógica se situa em um referencial teórico que conta com a contribuição de diferentes áreas (psicologia, sociologia, pedagogia, etc.) e enfatiza o papel da intersubjetividade, das interações e do diálogo como promotores de aprendizagem. A partir de agora, serão apresentados cada um dos princípios, seus fundamentos e um exemplo prático.

## DIÁLOGO IGUALITÁRIO

**O que é** O diálogo igualitário acontece sempre que se consideram as contribuições de todas as pessoas que participam dele. Todos devem ter a mesma oportunidade de falar e de ser escutado, sendo que a força está na qualidade dos argumentos, no sentido do que se defende, e não na posição hierárquica de quem está falando. Isso quer dizer que todas as contribuições são válidas, independentemente de quem fala e de sua função, origem social, idade, sexo, etc.

**Base teórica** Existem dois grandes pensadores que embasam esse conceito: Freire e Habermas.

Segundo Freire (1997), o diálogo igualitário contribui para a democratização da organização do centro educativo ao permitir a participação de todos os membros da comunidade escolar em igualdade de condições. Essa natureza de diálogo envolve todos que aprendem e que ensinam (pais, familiares, voluntariado, professores, outros profissionais, alunos), já que todos influenciam a aprendizagem de todos. O diálogo é um processo interativo mediado pela linguagem e, para ser de fato dialógico, precisa acontecer de maneira horizontal. Para Freire, o diálogo é condição para a construção de conhecimento, convida a uma postura crítica e envolve uma preocupação em conhecer o pensamento de cada ator que participa da situação interativa.

Em sua teoria da ação comunicativa, Habermas (2001) defende que todas as pessoas têm capacidade de linguagem e ação para iniciar uma relação interpessoal. Ele situa as relações humanas em dois polos: relações dialógicas e relações de poder. No primeiro caso, o entendimento entre as pessoas é possível; no segundo, não. No entanto, Habermas reconhece que não existem interações totalmente dialógicas, porque sempre se produzem relações de poder devido às desigualdades existentes na estrutura social mais ampla. Por isso, é importante ter consciência dessas desigualdades e buscar as condições mais adequadas para reduzir ao mínimo suas influências nas interações que acontecem dentro da comunidade escolar, especialmente entre professores e familiares.



O diálogo a que se refere a Aprendizagem Dialógica e que serve para aumentar os níveis de aprendizagem de todos os alunos é aquele que valoriza a qualidade dos argumentos e é respeitoso com todas as pessoas, por mais diferentes que sejam quanto ao nível socioeconômico, ao gênero, à cultura, ao grau de instrução e à idade. Dialogar é chegar a acordos, não impor uma opinião.

## INTELIGÊNCIA CULTURAL

**O que é** Todas as pessoas são sujeitos capazes de ação e reflexão e possuem uma inteligência relacionada à cultura de seu contexto particular. A inteligência cultural considera o saber acadêmico, a prática e a comunicação para se chegar a acordos e consensos cognitivos, éticos, estéticos e afetivos. Todas as pessoas devem encontrar condições e meios para expressar sua inteligência cultural em condições de igualdade.

**Base teórica** O conceito de inteligência cultural vai além do de inteligência acadêmica e engloba a pluralidade das dimensões da interação humana: a inteligência acadêmica, a inteligência prática, assim como a inteligência comunicativa (Flecha, 1997). As habilidades práticas são aquelas que se aplicam para resolver uma situação concreta na vida cotidiana, incluindo as que se aprendem observando os outros, as que se adquirem através da própria ação. As habilidades comunicativas são aquelas usadas nos atos comunicativos para resolver problemas que, em um primeiro momento, uma pessoa não seria capaz de resolver sozinha.

Segundo Habermas e Chomsky, dois dos principais autores que contribuem para a construção desse princípio, todas as pessoas possuem habilidades comunicativas inatas, sendo capazes de produzir linguagem e gerar ações no meio em que vivem. Vygotsky (1995, 1996) também tratou do conceito de inteligência prática ao dizer que as crianças aprendem fazendo. Para ele, esse tipo de inteligência e a fala são funções complementares. Scribner (1988), seguindo o pensamento de Vygotsky, demonstrou que as pessoas adultas realizam em suas atividades diárias operações cognitivas equivalentes

às desenvolvidas pelas crianças. A concepção de inteligência cultural reconhece todas essas contribuições e valida a ideia de que todas as pessoas, de qualquer idade, nível educativo, social, econômico e cultural, têm capacidade de linguagem e ação e podem se desenvolver através de suas interações. Por meio do diálogo, criamos e transformamos significados, aprendemos comunicativamente.

O reconhecimento da inteligência cultural permite superar enfoques centrados nos déficits. Implica valorizar tanto os alunos como suas famílias, especialmente as que não têm formação acadêmica, e capacidades que podem ser reconhecidas e estimuladas no contexto escolar para enriquecer os processos de ensino e aprendizagem. A diversidade de pessoas que participam de todos os espaços da escola permite que os estudantes se aproximem de outras formas de ver o mundo, enriquecendo e potencializando seu desenvolvimento.

## TRANSFORMAÇÃO

**O que é** Promover interações transformadoras que possibilitem mudanças nas próprias pessoas e nos contextos em que vivem. A educação não deve restringir-se a uma acomodação à realidade social de cada um, mas atuar como agente transformador dessa realidade. Quando as interações se baseiam no diálogo igualitário, tornam-se ferramentas de uma grande conquista social: a superação das desigualdades.

**Base teórica** As Comunidades de Aprendizagem estão voltadas para uma educação transformadora. Quando a escola abre suas portas para a comunidade e esta participa do planejamento e desenvolvimento do projeto educativo e também da intervenção educativa direta (nas aulas), o contexto se transforma e aumentam os resultados de aprendizagem e de convivência entre todos, dentro e fora da escola.

Para Vygotsky, a chave da aprendizagem está nas interações entre as pessoas e delas com o meio, e com a transformação das interações é possível melhorar a aprendizagem e o desenvolvimento de todos os atores que fazem parte da comunidade educativa. Mead (1973) reforça essa ideia ao analisar as interações interpessoais e perceber que incorporamos atitudes e condutas de outras pessoas por vários motivos: para nos sentir aceitos no grupo, responder às expectativas de pessoas importantes etc. Na educação, meninos e meninas incorporam a imagem que os professores e outras pessoas influentes em sua aprendizagem têm deles, construindo assim seu autoconceito. Quando as interações são positivas, trabalha-se com altas expectativas em relação aos alunos e eles alcançam melhores resultados; quando, no entanto, são negativas, podem comprometer toda a trajetória escolar.

Ter altas expectativas em relação aos estudantes faz com que os professores, em vez de adotarem uma visão adaptativa (de ajustar a aprendizagem ao contexto e ao modelo de interação já existente), busquem a transformação do contexto e das interações que nele acontecem para chegar a melhores resultados de aprendizagem para todos os alunos.

A Aprendizagem Dialógica acontece por meio da utilização das capacidades comunicativas. Na sociedade da informação, o uso das habilidades comunicativas permite que o indivíduo participe mais ativamente e de forma mais crítica e reflexiva da sociedade.

Outro autor revelante nesse princípio é Freire (1997), quando afirma que somos seres de transformação e não de adaptação. Essa transformação é possível através de um processo dialógico igualitário entre pessoas que querem mudar a situação de desigualdade que vivemos. Assim, a aprendizagem entendida como ação transformadora é aquela que transforma as dificuldades em possibilidades.

## CRIAÇÃO DE SENTIDO

**O que é** Significa possibilitar um tipo de aprendizagem que parta da interação e das demandas e necessidades das próprias pessoas. Quando a escola respeita as individualidades de seus alunos, garantindo o seu sucesso na aprendizagem, o estudante finalmente vê sentido naquilo que está aprendendo. Fomentar a criação de sentido melhora visivelmente a confiança e o empenho dos alunos na busca de suas realizações pessoais e coletivas.

**Base teórica** Um dos maiores problemas nas escolas atuais é a desmotivação de muitos estudantes, que não encontram sentido para participar das aulas.

Esse problema já foi identificado e debatido por muitos autores. Freire (2003), por exemplo, reconhece que o ensino é distanciado das experiências que os alunos vivem fora da escola; os professores criam um ambiente hostil e não se interessam pelo que meninos e meninas vivenciam. Os alunos não veem sentido na organização das aulas, nos conteúdos, nas relações humanas que estabelecem porque seus saberes, sua cultura, sua forma de se comunicar e se comportar não são levados em conta. De que forma se pode recuperar o sentido da aprendizagem?



O sentido se constrói quando as contribuições e diferenças culturais são tratadas de modo igualitário e o aluno sente que a escola valoriza sua própria identidade. Potencializar a aprendizagem instrumental também ajuda na criação de sentido, pois ajuda os estudantes a reconhecer que estão aprendendo conteúdos importantes. Ao atribuir mais sentido ao que estão aprendendo, eles ampliam suas interações, tornando o clima da escola mais favorável às aprendizagens.

## SOLIDARIEDADE

**O que é** Criação de situações de aprendizagem que privilegiem relações horizontais, de igualdade, equilibradas e justas. Para superar o abandono escolar e a exclusão social é preciso contar com práticas educativas democráticas, das quais todos devem participar. E isso envolve também o entorno da escola. Quando toda a comunidade está envolvida solidariamente num mesmo projeto, fica muito mais fácil transformar as dificuldades em possibilidades, melhorando assim as condições culturais e sociais de todas as pessoas.

**Base teórica** Todo projeto educativo que pretende ser igualitário tem que estar embasado na solidariedade. Se a Aprendizagem Dialógica pretende a superação das desigualdades sociais, a solidariedade deve ser um de seus elementos principais. O diálogo que acontece com toda a comunidade educativa, em relações horizontais e em todos os espaços e situações da escola, contribui para interações mais solidárias. O ensino solidário só é possível se os atores envolvidos são pessoas que se relacionam movidas não por interesses pessoais ou corporativos, mas por aquilo que beneficia a educação e cria condições para que todos os estudantes cheguem aos mesmos resultados.

Esse princípio deve ser vivido pelos alunos e permear o trabalho deles, como, por exemplo, nos [Grupos Interativos](#)<sup>2</sup> e na [Biblioteca Tutorada](#)<sup>3</sup>.

Ser solidário não significa, simplesmente, querer que todas as pessoas tenham as mesmas oportunidades; mais do que isso, é exigir os mesmos direitos para todos e agir em favor disso quando não acontece.

Na Comunidade de Aprendizagem, as pessoas trabalham conjuntamente na busca do mesmo objetivo: conseguir a melhor educação para todos. O valor da solidariedade implica uma educação igualitária que ofereça as mesmas oportunidades: no lugar da competitividade, entra a colaboração; e no da imposição, o consenso mútuo.

## DIMENSÃO INSTRUMENTAL

**O que é** O acesso ao conhecimento instrumental, advindo da ciência e da escolaridade, é essencial para operar transformações e agir no mundo atual. Quando falamos de dimensão instrumental, nos referimos à aprendizagem daqueles instrumentos fundamentais, como o diálogo e a reflexão, e de conteúdos e habilidades escolares essenciais para a inclusão na sociedade atual.

Na sociedade de hoje, há cada vez mais possibilidade de escolher como se quer viver, tanto no trabalho como na vida pessoal (Beck, 2008). Essa pluralidade de opções exige uma reflexão maior dos sujeitos, de forma que o diálogo e a reflexão têm sido mais importantes que a autoridade, substituindo as relações de poder por relações dialógicas na tomada de decisões. A individualização também é outro efeito do aumento de opções. A sensação que temos é que nada mais é seguro e dura para a vida toda; só o que permanece são os investimentos que fazemos em nós mesmos. Para que a escola faça sentido aos alunos é importante que as novas características da sociedade sejam levadas em conta, que o diálogo e a reflexão estejam no centro da aprendizagem.



### CONSULTE

2. Caderno *Grupos Interativos*

3. Caderno *Biblioteca Tutorada*

Diferentes estudos sobre trajetórias escolares de pessoas em risco de exclusão social e que sofrem maiores desigualdades mostram que a escola pela qual passaram foi muito pouco competente no que se refere à dimensão instrumental da aprendizagem.

**Base teórica** Com base nas teorias do déficit, durante muito tempo têm-se reforçado práticas escolares que, ao invés de oferecer um currículo instrumental estabelecido, optam pelo chamado “currículo da felicidade” para meninos e meninas em situação de vulnerabilidade social. O discurso de defesa é de que, por encontrarem-se em tal situação, esses alunos precisam aprender hábitos de higiene, suprir suas necessidades básicas, receber afeto e melhorar seu comportamento para só depois se ocuparem da matemática, por exemplo. Assim, a escola se dedica a ensinar essas dimensões, deixando de lado a dimensão instrumental. O que a realidade nos mostra é que os estudantes que moram em bairros desfavorecidos são os que mais precisam de uma boa preparação acadêmica, que enfatize a dimensão instrumental da aprendizagem, para que possam superar a exclusão social e diminuir o risco de permanecerem nessa condição.

A Aprendizagem Dialógica supera a oposição entre a dimensão humanista e a dimensão instrumental da educação, investindo no currículo da competência e do esforço e utilizando todos os mecanismos necessários para que chegue a todos os alunos, e especialmente àqueles que mais necessitam.

É importante que todos os alunos saiam da escola preparados para se inserirem na sociedade da informação, e para isso a dimensão instrumental da aprendizagem é fundamental. A comunidade científica internacional tem destacado a importância do âmbito instrumental da aprendizagem para a superação das desigualdades sociais e educativas (Apple & Beane, 1997; Ladson-Billings, 1995). Devemos nos preocupar com as dimensões humanista e instrumental ao mesmo tempo, reforçando-as mutuamente. Nas Comunidades de Aprendizagem, esse princípio se traduz em potencializar a aprendizagem instrumental, em todos os espaços, a partir do lema: a aprendizagem que queremos para nossos filhos está ao alcance de todos.

Vários autores contribuíram para a fundamentação desse princípio. Para Freire (1997), existe um interesse universal pelo conhecimento, que ele chama de curiosidade epistemológica; todas as pessoas são capazes falar, ouvir, explicar, compreender, aprender, etc. Wells (2001) fala da atitude de questionar o conhecimento através do diálogo. Vygotsky (1996) diz que todas as pessoas têm a capacidade de utilizar o contexto de forma instrumental, como uma ferramenta para transformar sua própria psicologia e o curso de seu desenvolvimento. A escola é uma ferramenta cultural que foi criada com a função de transmitir o conhecimento acumulado por gerações anteriores e favorecer a transformação pessoal e social.

## IGUALDADE DE DIFERENÇAS

**O que é** Para além da igualdade homogeneizadora e da defesa da diversidade que não leva em conta a equidade, a igualdade de diferenças é a igualdade real, na qual todas as pessoas têm o mesmo direito de ser e de viver de forma diferente e, ao mesmo tempo, ser tratadas com respeito e dignidade.

**Base teórica** Para introduzir a fundamentação desse princípio, mais uma vez recorremos a Paulo Freire. Como destaca o autor (1997), não será possível conceber as diferenças de maneira tolerante e igualitária enquanto estas estiverem associadas à ideia de que uma cultura é superior a outra. No âmbito educativo, nenhuma relação intercultural balizada em crenças racistas melhorará a aprendizagem dos alunos em relação à convivência; na verdade, terá o efeito contrário, de aumentar os conflitos e o fracasso escolar, especialmente para os alunos vistos culturalmente como inferiores.

A melhor forma de acabar com os preconceitos racistas na escola é criar nas aulas situações de interação entre pessoas de culturas diferentes, em espaços de diálogo igualitário que promovam a aprendizagem de todos.

Nossas escolas são o reflexo de uma sociedade diversa e plural. O grande desafio é entender que não basta apenas reconhecer as diferenças para ter uma educação igualitária. Para oferecer uma educação melhor, é necessário que todas as pessoas, independentemente de sua origem, cultura, crença, etc., estejam incluídas e que suas vozes sejam levadas em consideração. Portanto, não almejamos a igualdade que homogeneiza a diversidade desigual, mas a que proporciona os mesmos resultados a todos, a despeito das diferenças sociais e culturais.

Guiar-se por objetivos igualitários é a via para alcançar uma educação democrática e maior coesão social.

As Comunidades de Aprendizagem<sup>1</sup> reconhecem as diferenças, mas garantem a todos o diálogo igualitário, embasado na premissa de que a validade está nos argumentos e não no status social de quem fala. Nesse sentido, a diversidade resulta em um elemento de riqueza cultural, humana e acadêmica que beneficia todas as pessoas que dele participam.



**CONSULTE**

I. Caderno *Comunidade de Aprendizagem*

# Ideias para guardar

Esta última seção do caderno apresenta uma síntese do que foi abordado até aqui.

## Princípios da Aprendizagem Dialógica

- 1. Diálogo igualitário:** a força está nos argumentos e não na hierarquia de quem fala. É escutar com respeito e falar com sinceridade.
- 2. Inteligência cultural:** abrange o saber acadêmico, prático e de comunicação; todas as pessoas têm capacidade de ação e reflexão.
- 3. Transformação:** educação como agente transformador da realidade por meio das interações.
- 4. Criação de sentido:** aprendizagem que parte da interação e das demandas e necessidades das próprias pessoas.
- 5. Solidariedade:** envolvimento solidário de todas as pessoas da comunidade no projeto educativo da escola.
- 6. Dimensão instrumental:** aprendizagem dos instrumentos fundamentais para a inclusão na sociedade atual.
- 7. Igualdade de diferenças:** a mesma oportunidade para todas as pessoas.

# Bibliografía

- Apple, M. W., & Beane, J. A. (1997). *Escuelas democráticas*. Madrid: Morata.
- Aubert, A., Flecha, A., García, C., Flecha, R., & Racionero, S. (2008). *Aprendizaje dialógico en la sociedad de la información*. Barcelona: Hipatia.
- Aubert, A., García, C., & Racionero, S. (2009). El aprendizaje dialógico. [Dialogical learning], *Cultura & Educación*, 21(1), 129-139.
- Ausubel, D. P., Novak, J. D., & Hanesian, H. (1989). *Psicología educativa. Un punto de vista cognoscitivo*. México: Editorial Trillas.
- Beck, U. (2008). *La sociedad del riesgo mundial: en busca de la seguridad perdida*. Barcelona: Paidós.
- Bruner, J. S. (1995). *El habla del niño: Aprendiendo a usar el lenguaje*. Barcelona: Paidós.
- Bruner, J. S. (2000). *La educación, puerta de la cultura*. Madrid: Visor.
- Egan, K. (2005). Students' development in theory and practice: The doubtful role of research. *Harvard Educational Review*, 75(1), 25-42.
- Elboj, C., Puigdemívol, I., Soler, M., & Valls, R. (2002). *Comunidades de aprendizaje. Transformar la educación*. Barcelona: Graó.
- Flecha, R. (1997). *Compartiendo palabras*. Barcelona: Paidós.
- Freire, P. (1997). *A la sombra de este árbol*. Barcelona: Hipatia Editorial.
- \_\_\_\_\_. (2003). *Pedagogía del oprimido*. Madrid: Siglo XXI.
- Gatt, S., Ojala, M., & Soler, M. (2011). Promoting social inclusion counting with everyone: Learning communities and INCLUD-ED. *International Studies in Sociology of Education*, 21(1), 33.
- Habermas, J. (1987). *Teoría de la acción comunicativa [1981]*. Madrid: Taurus.
- \_\_\_\_\_. (2001). *Teoría de la acción comunicativa: complementos y estudios previos*. Madrid: Catedra.
- Ladson-Billings, G. (1994). *The dreamkeepers: Successful teachers of African American children*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Ladson-Billings, G. (1995). But that's just good teaching! The case for culturally relevant pedagogy. *Theory into Practice*, 34(3), 159-165.
- Mead, G. H. (1973). *Espíritu, persona y sociedad. Desde el punto de vista del conductismo social*. Barcelona: Paidós.
- Piaget, J. (1964). In Ripple R. E. & Rockcastle, V. N. (eds.), *Development and learning*. Boston: Little, Brown & Company.
- Racionero, S., Ortega, S., García, R., & Flecha, R. (2012). *Aprendiendo contigo*. Barcelona: Hipatia.
- Rogoff, B. (1993). *Aprendices del pensamiento. El desarrollo cognitivo en el contexto social*. Barcelona: Paidós.
- Scribner, S. (1988). *Head and hand: an action approach to thinking*. National Center on Education and Employment.
- Searle, J., & Soler, M. (2004). *Lenguaje y ciencias sociales. Diálogo entre John Searle y CREA*. Barcelona: El Roure Ciencia.
- Vázquez, T., Cidoncha, P., & Avilés, J. (2013). Inteligencia instrumental visto y comprobado. *Suplemento Escuela*, 5, 4-6.
- Vygotsky, L. S. (1995). *Pensamiento y lenguaje*. Barcelona: Paidós.
- \_\_\_\_\_. (1996). *El desarrollo de los procesos psicológicos superiores*. Barcelona: Península.
- Wells, G. (2001). *Indagación dialógica*. Barcelona: Paidós.
- Yeste, C. G., Lastikka, A. L., & Caballero, C. P. (2013). Comunidades de aprendizaje. *Scripta Nova – Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, 17.

Este caderno é uma adaptação feita a partir do material de formação produzido pelo CREA, Centro de Investigação em Teorias e Práticas de Superação de Desigualdades da Universidade de Barcelona.



Atribuição • Não comercial • Sem derivados

Você tem o direito de:

- **Compartilhar** – copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato
- O licenciante não pode revogar estes direitos desde que você respeite os termos da licença.

De acordo com os termos seguintes:

- **Attribution** – Você deve atribuir o devido crédito, fornecer um link para a licença, e indicar se foram feitas alterações. Você pode fazê-lo de qualquer forma razoável, mas não de uma forma que sugira que o licenciante o apoia ou aprova o seu uso.
- **NonCommercial** – Você não pode usar o material para fins comerciais.
- **NoDerivatives** – Se você remixar, transformar ou criar a partir do material, você não pode distribuir o material modificado.
- **No additional restrictions** – Você não pode aplicar termos jurídicos ou medidas de caráter tecnológico que restrinjam legalmente outros de fazerem algo que a licença permita.

[http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/deed.pt_BR)